

ALGUMAS CONCLUSÕES ACERCA DO FLUXO DE VALADARENSES PARA PORTUGAL ¹

Igor José de Renó Machado²
Ellem Saraiva Reis³

INTRODUÇÃO

A história da cidade de Governador Valadares (Minas Gerais, Brasil) está intrinsecamente ligada ao fluxo emigratório internacional. Desde o último quarto do século passado tornou-se uma espécie de capital nacional da emigração. Como indicam vários autores (ASSIS, 1999; SOARES, 1999, por ex.) essa movimentação era destinada principalmente para os EUA. Atualmente o destino da migração tem se diversificado e Portugal aparece com a segunda principal opção. Esse artigo pretende refletir sobre esse novo destino, suas implicações e relações com o tradicional fluxo de trabalhadores para os EUA. Preocupamo-nos em entender a estruturação desse novo fluxo. As conclusões do artigo se baseiam em dados colhidos em dois trabalhos de campo realizados em 2005 e 2006, de cerca de um mês e meio cada⁴. Durante a pesquisa, um corpo cerca de 50 entrevistas semi-estruturadas foram conduzidas entre migrantes retornandos de Portugal ou familiares de migrantes em Portugal. O método de coleta de entrevistas foi o de "bola de neve"⁵. Além disso, foram feitas entrevistas com o delegado regional da ABAV (Associação Brasileira de Agências de Viagem) e delegado da Polícia Federal de Governador Valadares. Por motivos éticos, os nomes e mesmo características dos entrevistados não são divulgados.

¹ Agradeço ao CNPq o financiamento para a execução desta pesquisa.

² Professor da Universidade Federal de São Carlos e Pesquisador do CEMI (Centro de Estudos de Migrações Internacionais).

³ Aluna de graduação da Universidade Federal de São Carlos e bolsista de iniciação científica CNPq.

Recebido em 03/2007. Aceito em 06/2007.

⁴ Os trabalhos de campo foram realizados por Ellem Saraiva Reis, Alexandra Gomes de Almeida, Thaísa Yamaue e Arielle Basinello.

⁵ O método de "bola de neve" é uma técnica de pesquisa qualitativa, pela qual o conjunto de informantes é indicado por um ou dois informantes iniciais. Ou seja, é um mapeamento de poucas redes sociais, através das quais os dados são coletados até o ponto de "saturação", quando novas informações não são mais adquiridas. Cf. Bernard 2005.

Como analisado por Machado (2005), a migração de valadarenses para Portugal é um fenômeno recente e relativamente crescente. Nossa pesquisa teve como uma das intenções mapear esse fluxo e entender se ele se usufruía das estruturas profissionais de tráfico de Valadares. As conclusões a que chegamos dão, ao mesmo tempo, uma resposta negativa e positiva a essa indagação. Não, não há o mesmo esquema de transporte e colocação de migrantes em Portugal como há nos EUA. Não há coiotes para colocar os valadarenses em Portugal e não há o mesmo aparato ilegal de transporte (com ramificações em mais de um país, atravessadores, hospedagens enquanto se espera a passagem, etc.). Mas há um aproveitamento da base financeira do tráfico de pessoas: ou seja, os financiadores de muitos dos projetos de migração são agiotas relacionados com a máfia de emigração ilegal.

Portanto, há uma relação evidente: a possibilidade de iniciar novas rotas de migração com tanta facilidade se ampara numa facilidade de financiamento (ilegal) das viagens. Esse financiamento é proporcionado pelos mesmos que lucraram e lucram imensamente com o tráfico para os EUA. Por outro lado, as agências de viagem, muitas delas intimamente ligadas com esse mercado ilegal também têm sua participação nesse redirecionamento do fluxo para Portugal: elas passam a estimular a ida para Portugal como uma alternativa aos EUA e operam como facilitadores da migração ilegal, oferecendo técnicas e estratégias para que se adentre Portugal sem ser barrado nos aeroportos europeus. Essa “pedagogia da migração” é de suma importância para os migrantes, que temem muito serem deportados. Por isso, muitos estão dispostos a pagar mais caro pelas passagens, simplesmente por considerarem que as agências podem de fato colocá-los aonde prometem. As agências se aproveitam dessa ingenuidade e cobram preços abusivos para as passagens para Portugal, ou outro país qualquer que sirva de entrada para Portugal.

Apesar do fluxo migratório pra Portugal não estar explicitamente ligado a estruturas ilegais de emigração, ao longo do trabalho, percebemos que existe em Governador Valadares uma estrutura básica que permite qualquer tipo de imigração – legal ou ilegal – e que esta apenas se aproveitou da demanda por um destino mais barato e se “organizou” em oferecer este novo produto: Portugal. Diversas vezes citadas nas entrevistas, as agências de viagens, por exemplo, se mostraram com um papel de destaque para a efetivação do projeto imigratório, pois, através de seus “serviços”, o emigrante recebe orientações de comportamento, apoio logístico – uma espécie de reserva de hotel, bem como indicações de diferentes e mais fáceis rotas de entrada na Europa.

Francisco Teixeira – delegado regional da ABAV (associação brasileira de Agências de Viagem) – explicou que as agências fornecem

informações, dicas de comportamento e orientam sobre a documentação necessária para que a imigração seja bem sucedida. Segundo os diversos relatos, os funcionários das agências de viagens aconselham os emigrantes a não levarem muitas roupas, nem peças que são oferecidas pelos hotéis, como toalhas. Para evitar qualquer suspeitas dos policiais, eles pedem também para que estas pessoas não viajem muito arrumadas:

“Vai na agência, compra a passagem, eles explicam o que você tem que fazer e o que você não tem que fazer... Uma coisa que não pode levar muito... Na bagagem, é o menos possível; toalha você não pode levar porque no hotel oferece. Então é só o básico, só a roupinha do dia-a-dia e não é coisa chique, não, pois turista anda tudo desleixado.” (Ma, 26/01/2006)

Além disso, e um dos pontos mais interessantes, os entrevistados explicaram que para encobrirem os reais motivos da ida a Portugal, paga-se às agências uma quantia em dinheiro para que seja feita uma reserva fictícia em algum hotel português, o qual não será usado e, em alguns casos, nem existe. O imigrante tem consciência de que não poderá usar o hotel e que seu dinheiro não será devolvido. É importante ressaltar também que, alguns entrevistados explicaram que adquiriram pacotes turísticos como forma de camuflar a intenção de trabalhar no país, mas todos enfatizaram que também não utilizaram nenhuns dos serviços oferecidos.

“Eu paguei, na época, 50 dólares pela reserva do hotel (...) A gente, na verdade, nem sabe onde que tem este hotel(...) Este hotel não existe também. Eles têm vários números de hotel lá, tipo um contrato. Aí, te dá um papel de uma reserva de hotel, mas se você for no próprio hotel que eles te deram aquilo, não tem seu nome lá.” (Ro, 08/02/2006)

Portanto, a agência lucra não só com a venda das passagens, mas também através do oferecimento desses serviços, os quais, na verdade, não são prestados. Ato que, segundo o delegado Rui Antônio, é ilegal, mas que não se enquadra em um ilícito penal, pois as agências facilmente alegariam que é um serviço solicitado pelo cliente, pelo emigrante.

MECANISMOS DA MIGRAÇÃO PARA OS EUA E PORTUGAL

A emigração de valadarenses para os Estados Unidos ocorreu mais intensamente ao longo das últimas três décadas, o que causou, devido ao grande fluxo migratório, o início das restrições à entrada e permanência em solo estadunidense a partir da não concessão de vistos de forma mais abrangente. No entanto, ao longo desses anos, a melhoria de vida daqueles

que emigraram inicialmente tornou-se um estímulo cada vez maior para a saída dos valadarenses do país. A ascensão social, com aquisição de imóveis na cidade, promoveu uma forte “propaganda”, a qual contribuiu para que um grande contingente de valadarense permanecesse com o intuito de viver provisoriamente e trabalhar em solo estadunidense. Assim, a partir dessa demanda e da dificuldade de imigração nos Estados Unidos, houve a formação, na cidade, de estruturas e “profissionais” que auxiliariam a entrada na tão sonhada “América” e que usaria de meios ilícitos para a inserção dessas pessoas na sociedade norte-americana.

No entanto, com o decorrer dos anos e devido à intensificação da atuação da Polícia Federal brasileira neste campo e da Polícia de Imigração estadunidense, a atuação destes profissionais facilitadores da emigração/imigração sofreu rearranjos, necessitando de mudanças nas formas e nos meios de se imigrar em solo estadunidense para que os projetos migratórios fossem realmente efetivados. Assim, a partir da entrevista realizada com o delegado da Polícia Federal Rui Antônio da Silva podemos dividir ou diferenciar o processo de saída de Governador Valadares e imigração nos Estados Unidos, pelo menos, em três momentos.

Inicialmente, década de oitenta e início dos anos noventa, as práticas adotadas para a imigração em solo estadunidense eram a falsificação de documentos com o intuito de ludibriar a Polícia de Imigração norte-americana. Num segundo momento, a entrada dos brasileiros na “América” passou a ser realizada via México, tendo em vista que este país não exigia o visto de entrada para os brasileiros. Os emigrantes brasileiros com documentação autêntica viajavam em direção ao México e, entrando neste país como turistas, posteriormente, falsificavam documentos para facilitar a imigração em solo estadunidense ou atravessavam a fronteira entre o México e os Estados Unidos com a ajuda dos chamados coiotes - atravessadores e guias que auxiliam nas travessias. Segundo relatos dos entrevistados, o custo deste tipo de imigração era, à época, de cerca de US\$ 10 000.

No entanto, a partir de outubro de 2005 o Governo mexicano reintroduziu a necessidade de visto para a entrada de brasileiros no país e, desta forma, houve, novamente, uma modificação nas formas de atuação dos profissionais da emigração. Segundo o delegado Rui Antônio, juntamente à prática esboçada acima, as ações que atualmente estão sendo adotadas retomam a falsificação de documentos, tanto do visto mexicano quanto do visto estadunidense. Desta forma, estas explicações permitem compreendermos que a entrada do imigrante em solo estadunidense em todos os três momentos era ilegal, seja devido à falsificação do visto

americano, do visto mexicano, do próprio passaporte ou da entrada clandestina pela fronteira México-Estados Unidos.

Diferentemente disso, a imigração em Portugal não é iniciada por vias ilegais, ou seja, não há necessariamente falsificação de documentos ou ajuda de coíotes ou profissionais com esta função, nem que o imigrante se tornasse ilegal logo após a entrada no país. Isto ocorre porque Portugal não exige visto aos brasileiros. O emigrante sai do Brasil com os seus próprios documentos, entra em Portugal recebendo o visto de turista com validade de 90 dias e apenas após a expiração deste prazo é que se torna ilegal no país. Este período de três meses de legalidade é importante para o imigrante, pois é o tempo que este tem para adaptação no país, tendo a possibilidade de retornar ao Brasil sem implicações com o Governo português.

Acreditamos que a tomada de decisão por qual país imigrar está ligada a uma consideração da relação entre custo e benefício: o preço das passagens em relação ao maior ou menor rigor do país à entrada de brasileiros. Se compararmos Itália e Espanha, por exemplo: na imigração pela Itália, o risco é menor, mas a passagem é mais cara; pela Espanha, o custo é menor, mas, assim como Portugal, já começam ocorrer restrições e maiores riscos de deportação. No entanto, como a imigração está vinculada a fatores financeiros, geralmente, opta-se pelo destino mais barato.

Através do trabalho de campo e do que foi citado por Francisco Teixeira percebemos que os emigrantes são, em sua maioria, de classe média baixa ou de classe baixa e, lembrando que estas pessoas não dispõem, geralmente, de recursos financeiros no momento em que decidem emigrar. Assim, os meios relatados como os mais frequentes para obtenção de “capital econômico” para efetivar a viagem foram: o dinheiro do FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, os empréstimos de familiares, a venda de bens e o empréstimo de pessoas desconhecidas, os agiotas.

“Você paga mil dólares da passagem e mais mil dólares, é a exigência deles, para entrar no país. Então, geralmente, muitos não têm este dinheiro. E o que que faz? Compra a passagem aqui a prestação e pega este dinheiro emprestado só para entrar. Assim que chegar lá, devolve ele aqui, mas deve pagar juros pra esta pessoa que pegou, um parente ou uma pessoa qualquer.” (Ro, 23/01/2006)

Outra forma de obtenção de recursos para financiar a emigração é o empréstimo de familiares. Muitas vezes, as quantias necessárias são enviadas por parentes que já estão fora do país e que também incentivam a ida de outros membros familiares. Além disso, os relatos indicaram

também que algumas pessoas venderam carros, motos ou a própria casa com o intuito de obterem mais ou melhores bens através do projeto migratório; objetivo que nem sempre é alcançado.

“Na época, ela [irmã] pediu até um dinheiro emprestado para mim para poder ir e vender... e pegou mais um pouco com um, um pouco com outro e foi.” (Al, 14/02/2006)

“O nosso objetivo é casa própria. Na verdade, nós tínhamos a nossa casa própria, mas não era aquela casa... não era a dos sonhos na verdade.” [moram de aluguel atualmente] (Co, 14/02/2006)

Além disso, outra ramificação da profissionalização da emigração na cidade que deve ser analisada como uma das bases de sustentação do processo migratório é a agiotagem. Em troca do empréstimo, o emigrante deixa móveis e imóveis – sua própria casa – como garantia do reembolso da quantia auferida. Após a chegada ao destino, o dinheiro é pago totalmente ou em parcelas a juros de 10% ao mês e, caso isto não ocorra, os bens penhorados são subtraídos pelo agiota, mesmo que o valor destes sejam superiores ao emprestado. A partir desse contexto, fica evidente a relação de poder existente entre o agiota e o emigrante, bem como o controle que ele exerce sobre a vida da família que permanece no Brasil. Por necessitarem do dinheiro, são os emigrantes e seus familiares que devem confiar no agiota; até que a quantia não seja totalmente quitada, não há qualquer garantia de que ele não se apossará dos bens penhorados.

No entanto, segundo os relatos, a maioria dos emigrantes consegue pagar as dívidas que contraem no Brasil para a realização da viagem. Quando migram para Portugal, como vimos, os gastos são menores e, portanto, podem ser pagos em menor tempo. Trabalhando em solo lusitano, demora cerca de seis meses para quitar todas as dívidas; no caso da emigração para os Estados Unidos, por ter um custo bem mais alto, o imigrante trabalha pelo menos por um ano. Assim, o calote das dívidas e a conseqüente perda do móvel ou imóvel penhorado só ocorrem em casos aparentemente eventuais: quando o imigrante é preso pela Polícia de Imigração – na fronteira entre o México e os Estados Unidos; ou quando já imigram com a intenção de construir uma nova vida no país de destino e não pensam em retornar ao Brasil. Neste último caso, geralmente, são solteiros que não possuem família na cidade.

Desta forma, percebemos que os projetos migratórios em Governador Valadares são efetivados através de redes profissionais de informações e de serviços, as quais viabilizam qualquer que seja o destino desejado. Estruturas que podemos chamar de profissionais, pois buscam auxiliar o emigrante na realização da entrada em determinado país, mas que, em relação ao fluxo de pessoas para Portugal, não são produto do

redirecionamento do complexo ligado à imigração ilegal em solo estadunidense, que é realizada por meio de atravessadores e coiotes - pessoas que conduzem os imigrantes do Brasil até a fronteira México/Estados Unidos. A imigração ilegal em solo norte-americano ainda permanece constante e muito rentável para que haja um deslocamento da atenção de seus “agenciadores” e do aparato existente para um outro destino.

Os profissionais da emigração que abordamos constroem estruturas que envolvem, além de sistemas de empréstimos, como o esquema ilícito de agiotagem, segmentos de serviços que apresentam regularidade perante a lei brasileira, como no caso das agências de viagens, as quais auxiliam a entrada do imigrante no país de destino. Através das dicas de comportamento, das formulações de novas rotas de entrada dos valadarenses em Portugal e das reservas fictícias em hotéis portugueses, as agências de viagens contribuem para a efetivação dos projetos migratórios e aproveitam destas demandas para extraírem seu lucro.

Portugal como destino: motivações

Evidentemente, o fluxo de pessoas não se cria apenas com a intenção de criar novas rotas de migração (essas, no caso, menos lucrativas), mas também a partir da própria estruturação gradual de redes migratórias que se direcionam também a Portugal. O mesmo processo por qual passou a migração para os EUA, acontece agora com Portugal, só que intensificado pela existência prévia das estruturas ilegais de migração. Assim, muito rapidamente (em questão de 10 anos), estruturaram-se redes familiares de migração para Portugal, redes que estimulam ainda mais a movimentação de pessoas para este país.

Na nossa pesquisa encontramos um grande número de famílias com parentes nos EUA e em Portugal. A grande maioria de nossos entrevistados (cerca de 50), além de parentes em Portugal, tinham também parentes nos EUA. Assim, ficou evidente, que as redes de migração estão se complexificando e se estendendo por mais de um país, oferecendo alternativas diferenciadas para os futuros migrantes. Quando uma pessoa decide emigrar para outro país, ela geralmente tem condições de optar entre os EUA e Portugal, e cada vez mais tem a opção de emigrar para outros países ainda (como Inglaterra, por exemplo). Ela poderá contar, se não com algum suporte familiar, ao menos com o suporte de conhecidos em cada um desses países.

Mas o que influencia a escolha por Portugal, então?

Portugal como opção mais barata

Geralmente, as pessoas que não possuem condições financeiras para imigrarem aos Estados Unidos procuram outros destinos. Confirmando esta informação, segundo o Delegado da Polícia Federal Rui Antônio da Silva, a porcentagem do fluxo migratório valadarense para o exterior está dividida em 50% para os EUA, 40% para Portugal e 10% para outros países. Há cerca de 40 000 valadarenses em solo estadunidense, 15% da população. Além disso, as entrevistas e conversas demonstraram que os valadarenses não têm o sonho de migrar para a Europa e os que migram para Portugal são, geralmente, pessoas que estão em sua primeira experiência migratória e apenas eventualmente saem deste para tentar a vida em outro país europeu.

Os custos da migração para os EUA são cada vez mais elevados, conforme aumenta a restrição e controles por parte deste país, girando em torno de algo como 8000 a 10000 dólares. Essa é uma quantia muito elevada para padrões brasileiros e em geral indica uma grande dívida para aqueles que pretendem enfrentar a passagem pela fronteira mexicana. Os custos de uma migração para Portugal são muito menores, correspondendo apenas ao valor das passagens e o pagamento adiantado de diárias em algum hotel, mais o valor que as pessoas precisam ter em mão para comprovar a capacidade de “passarem por turistas”. O custo total não passa dos 2000 dólares. Portugal virou, portanto, uma alternativa mais barata de migração.

Mas nem por isso as pessoas explicitamente desejam ir para Portugal: muitas não conseguem o valor necessário para uma viagem aos EUA e acabam escolhendo Portugal. É importante ressaltar que alguns relatos salientaram que muitos valadarenses migraram para o solo lusitano com o intuito de conseguir dinheiro para irem para a “América” e outros, para terem registro de viagens no passaporte com o objetivo de facilitar a aquisição do visto no consulado norte-americano.

“Um deles foi para lá [Portugal] querendo juntar dinheiro pra de lá passar para os Estados Unidos.” (Cl, 24/01/2005)

“Todos eles têm o sonho de ir para os Estados Unidos. (...) Ele foi pra lá [Portugal] porque o pai dele está lá – ele é novo né, mas se for para escolher, ele escolheria os Estados Unidos.” (Cr, 03/02/2006)

Estes artifícios refletem a consciência da população frente às dificuldades de retirada do visto para os Estados Unidos, o que muitos moradores enfatizam como preconceito contra os valadarenses. Os relatos

esboçam que pessoas de outras cidades ou da própria capital de Minas Gerais - Belo Horizonte - conseguem o visto mais facilmente; muitos são parentes dos próprios entrevistados.

Assim, a partir desse contexto, Portugal é visto como uma segunda opção, não muito valorizada, mas mesmo assim um local cada vez mais procurado. Um destino que não está vinculado a nenhuma construção histórico-social da cidade ou enraizado no universo simbólico dos valadarenses, como no caso dos Estados Unidos, mas que se tornou atrativo, pois está mais acessível economicamente e fisicamente aos emigrantes. Portugal é considerado um país muito menos promissor, em termos de capacidade de juntar o dinheiro por parte dos migrantes, que os EUA. Muitos consideram que o sacrifício de uma dívida maior é compensada pela capacidade de juntar dinheiro nos EUA. Outros migram para Portugal imaginando trabalhar para conseguir o dinheiro necessário para a viagem aos EUA.

Assim, apesar de alguns autores abordarem que o fluxo para Portugal se intensificou a partir de 2001 devido à concessão de autorizações de permanência aos imigrantes com contrato de trabalho, as “APs”, (Peixoto & Figueiredo, 2006), percebemos que o estímulo à imigração de muitos valadarenses em solo lusitano estava mais relacionado ao menor custo da viagem e à não existência de risco de vida, como na travessia ilegal da fronteira entre México e Estados Unidos. O custo da viagem refere-se basicamente ao valor das passagens e à quantia em dinheiro, ou seja, cerca de US\$ 1 000, que deve ser apresentada à polícia de Imigração portuguesa, como dinheiro para se gastar no país.

“Em Portugal, você pode ser deportado, mas também você pode passar livremente, mas lá [EUA] é mais difícil: você tem que ter o visto, tem que ter várias coisas para entrar legal no país ou, então, tem que correr aquele risco pelo México. (...) Os Estados Unidos, além de ser mais caro, é mais difícil. (...) Uns morrem no deserto e não podem nem voltar para casa...”
(Me., 22/07/2005)

Além disso, apesar do grande contingente de imigrantes valadarenses em solo português que datam suas viagens após 2001, ano também de “endurecimento” das políticas imigratórias estadunidenses, não ficou evidente que a intensificação do fluxo migratório para Portugal esteja ligada aos rearranjos da estrutura de emigração que visam à entrada nos Estados Unidos para a rota Brasil-Portugal. Segundo o delegado Rui Antônio, embora o fluxo valadarense para Portugal tenha tido seu ponto máximo nos anos de 2004 e 2005, não é de conhecimento da Polícia Federal brasileira a existência de qualquer estrutura que auxilie ou facilite a

imigração de brasileiros em Portugal. Para ele, o aumento deve-se mais a não necessidade de visto para entrada neste país, considerando que os delitos que geralmente ocorrem são a falsificação de documentos, como cartões de crédito, comprovantes de renda e comprovantes de endereço; documentos que necessitam ser apresentados à Polícia de Imigração portuguesa caso sejam requisitados para certificarem a ida como visitante ao país.

Portugal como alternativa ao risco

A passagem para os EUA pela fronteira mexicana significa uma aventura perigosa: risco de morte, estupro, de prisão em solo mexicano ou americano. Os casos de mortes envolvidas na travessia são inúmeros e noticiados constantemente nos jornais nacionais, estaduais e locais. Narrativas de violências físicas das mais variáveis também são comuns: emigrantes são assaltados, têm seus pertences confiscados, mulheres são estupradas no percurso. Privações de água e comida ao longo do percurso também são comuns. Por outro lado, o risco de prisão é grande: seja em solo mexicano, seja em solo americano. A última opção significa um longo período de prisão em presídios normais, lado a lado com criminosos comuns, esperando pela deportação (se for o primeiro caso de migração ilegal, se for um migrante reincidente, ele pode ficar preso e não ter direito a deportação).

Dadas estas condições é muito frequente que alguns dos migrantes que sonham em ir para os EUA desistam, mesmo que consigam o dinheiro suficiente para a viagem. As histórias de tragédias são constantes e correm entre os valadarenses, ativando uma espécie de medo coletivo. Alguns, portanto, optam por uma aventura mais segura:

“Não, ela queria ir para o EUA. (...) Mas eu falei para ela não ir, pois é muito arriscado. E todo mundo da cidadezinha onde ela mora estava indo para Portugal, deste modo, ela resolveu ir para Portugal. O euro é mais alto que o dólar. O euro no caso, você ganha menos, e dólar você ganha mais, essa é a diferença!”

(AI 02/2006)

“Portugal. Porque não tenho condições de ir para a América por causa de visto. E ir pra América já clandestino já é mais... é perigoso. Então, eu acho melhor ir pra Portugal, mas se eu tivesse oportunidade de ir pra América eu também ia. No mesmo setor de trabalho meu”.

(Ro 02/2006)

Mas a opção significa sempre uma certa frustração com a impossibilidade de chegar aos EUA, verdadeira Meca valadarense. Vejamos esta fala, que indica as complexidades das escolhas tomadas:

“É porque Portugal já está... Por que todo mundo está preferindo Portugal agora? Porque os Estados Unidos já está saturado, além disso, tem as dificuldades: as pessoas têm que passar pelo México, é muito perigoso. Então, Portugal é mais fácil. Então, as pessoas estão indo pra Portugal que tem uma moeda que é o Euro que é mais forte que o nosso dinheiro. Então, antigamente... Porque se EUA fosse fácil de ir, todo mundo estava indo para os Estados Unidos; ninguém quer saber de Portugal, não. Portugal é uma opção que aparece; não é que Portugal é um paraíso, não. Ninguém quer saber de Portugal, ninguém quer saber da Europa. Todo mundo, quando fala em ir embora daqui, só quer ir para os Estados Unidos porque lá você tem uma moeda forte, você tem os direitos civis seus que são respeitados, você pode crescer, você pode montar uma empresa que ninguém vai te perturbar, você está entendendo?”.

(Gil 02/2006)

As dificuldades de entrada nos EUA conduzem a outras alternativas, mesmo que meio a contragosto. O discurso evidencia uma relação mais ou menos mítica com os EUA, como terra dos direitos respeitados, como lugar de tranquilidade, caso se trabalhe duro. Provavelmente, isso faz parte de uma mitologia nativa, que foi se construindo neste longo processo de criação redes sociais entre a região de Valadares e os EUA. Qualquer alternativa pareceria “menor”, a se considerar a importância do mito EUA. Mas ainda como uma alternativa de segunda classe, a viagem a Portugal oferece-se como possibilidade segura, com nenhum risco à vida e menores riscos financeiros. Como se investe menos dinheiro, o trauma de uma deportação é menor. Este, na verdade, é o único risco: ser deportado e ter a entrada em toda a Europa dificultada.

Portugal como teste

Ainda na relação entre escolher Portugal ou EUA, alguns migrantes têm em Portugal uma espécie de “escola da migração”. Esse é um exemplo muito menos frequente em nossas entrevistas, mas apareceu em algumas: um pai ou mãe, diante da insistência do filho ou filha em migrar, decide enviá-lo primeiro a Portugal, para ver se ele consegue superar as agruras do processo migratório. A escolha envolve menos gastos para a família e oferece a oportunidade de demonstrar a capacidade

do filho sair-se bem. Caso ele consiga emprego e consiga pagar os custos que a família investiu na viagem, esta decidirá por enviá-lo aos EUA, o que implica em maiores gastos.

Este é o caso de famílias em melhor situação financeira, envolvidas de longa data com a migração. Alguns pais não estão dispostos a gastar tanto dinheiro para perceber que o/a filho/a não “aguentou o tranco”. Assim, Portugal vira uma espécie de escola, um teste de tenacidade para jovens migrantes com apoio familiar. Nestes casos, o pagamento dos custos da viagem pelo filho migrante é indício de sucesso na empreitada. Uma vez provada a tenacidade, os planos são feitos: mais um ou dois anos juntando dinheiro em Portugal para a viagem aos EUA, o retorno imediato, seguido de um empréstimo familiar para a viagem clandestina aos EUA, etc.

Estes casos, que não são muitos, evidenciam como a emigração para Portugal tem se constituído como um fenômeno relevante para a região de Valadares: a extensão das redes já constituídas entre Portugal e Valadares permite que virtualmente qualquer pretendente a migrante considere a possibilidade de tentar a sorte em terras lusas. Mesmo quando o destino é os EUA, Portugal pode fazer parte da estratégia de migração. E se as informações oferecidas pelo delegado da polícia federal forem consistentes, devemos considerar o fato de que quase metade dos migrantes de Valadares, atualmente partem para Portugal.

Portugal como refúgio

Outra questão importante, percebida nas entrevistas, e que ressalta a importância do fluxo para Portugal é a evidência de que alguns dos planos migratórios são construídos não como projetos de vida, mas como imposição e apreensão familiar. Uma de nossas entrevistas revelou a história de um jovem que foi induzido a migrar porque estava envolvido com drogas em Valadares. Os pais logo o mandaram para Portugal, a fim de afastá-lo de um ambiente perigoso em Valadares. Na entrevista afirmavam que a migração é muito dura e reforça o caráter de qualquer pessoa, e que, portanto, decidiram levar o filho a migrar, para que tivesse a experiência de trabalhar duro num país estrangeiro.

Portugal passa a contar nos planos familiares também como uma opção para afastar jovens de situações perigosas, curiosa inversão de perspectivas: em país estrangeiro, em situação ilegal, esses jovens parecem estar mais seguros aos pais que em Valadares.

Outro exemplo de “Portugal refúgio” é o caso dos que migram para “fazer companhia” a algum parente que tem enfrentado dificuldades no processo migratório. O caso que temos relatado é o de um jovem que

foi, a pedido do pai, acompanhar o tio, que estava sofrendo com a recente separação. Com medo da reação do irmão perante a separação – a esposa pediu o divórcio após 3 anos de migração do marido – o pai decide enviar o filho, a fim de ajudar o tio no trabalho (construção civil) e evitar que ele entrasse em depressão. A migração do filho, portanto, era parte de uma estratégia familiar, interessada em proteger seus membros.

Esses dois casos peculiares, narrados nas entrevistas, embora menos frequentes, revelam a dinâmica da migração, a importância das estruturas familiares e como Portugal passa a fazer parte do cotidiano de escolha dos valadarenses, entrando definitivamente nos roteiros das migrações internacionais desses cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo vimos a relação entre os processos migratórios com origem em Valadares e destinos diferentes: EUA e Portugal. Percebemos e respondemos algumas questões importantes.

Verificamos que há de fato uma relação entre a indústria da migração em Valadares e a ida recente de valadarenses para Portugal. Entretanto, vimos que essa relação não é exatamente da ordem que imaginávamos anteriormente, quando da produção de um texto anterior (Machado 2005). Embora a indústria da migração seja importante no fluxo migratório, descobrimos que ela incentivou a migração para Portugal na medida em que a passagem para os EUA via fronteira mexicana tornou-se cada vez mais cara e perigosa.

Portugal surgiu como uma opção mais barata de migração, como “escola da migração”, como um estágio intermediário para a migração para os EUA (seja através da falsificação de documentos portugueses ou apenas como possibilidade de juntar o volume necessário de dinheiro para a fazer a passagem para os Estados Unidos). Vimos que o ramo “legal” da indústria da migração, isto é, as agências de viagem, tira proveitos e, em alguma medida, direciona o fluxo de migração para Portugal.

Constatamos que as agências atuam como instrutoras de migrantes, ensinando comportamentos, formas de se preparar para a viagem, fornecendo falsas reservas de hotel. Essa “pedagogia da migração ilegal” é importante para os candidatos a emigrantes, pois dá coordenadas do que podem enfrentar perante os controles de migração em Portugal ou em países de entrada alternativa. Vimos que as agências cobram caro por essa “pedagogia da migração”, oferecendo pacotes de viagem bem mais caros que o habitual. Todas essas conclusões estão em acordo com as do relatório de Peixoto (Peixoto et al 2005) sobre o tráfico de migrantes em Portugal, no que tange aos problemas enfrentados por brasileiros.

Analisamos também, como o processo de migração de valadarenses para Portugal está se inserindo no cotidiano da cidade e como as redes estão se estruturando cada vez mais solidamente. Essa consolidação de laços entre valadarenses dos dois lados do atlântico resulta numa opção viável para muitos migrantes, que acabam por ter, em suas próprias relações, mais de uma opção de destino de migração. Por fim, também indicamos, no que tange à percepção dos sujeitos, que existe uma clara preferência pelos EUA como destino, algo que relacionamos com uma certa mitologia construída em torno da “América”, elaborada ao longo da constante relação de Valadares com este país. Portugal tem servido como uma opção de “segunda classe”, ao menos por enquanto.

Essas são nossas conclusões sobre a relação entre a indústria de migração em Valadares e o fluxo de valadarenses para Portugal. Preocupamo-nos em discutir pontualmente algumas implicações da nova alternativa que Portugal proporcionou aos valadarenses, na forma como as entrevistas evidenciaram essa questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, G.O. “Estar Aqui..., Estar Lá...: Uma Cartografia da Emigração Valadarense para os EUA”. In SALES & REIS (orgs). **Cenas de Um Brasil Migrante**. São Paulo, Boitempo Editorial, 1999.
- ASSIS, G. “De Criciúma para o mundo” – Os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares. In: MARTES, A . C. B. & FLEISCHER, **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- BERNARD, H. R. Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approach. 4ª ed. Lanham: AltaMira Press, 2005.
- FELDMAN-BIANCO, B. Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: constructions of sameness and difference. *Identities Global Studies in Culture and Power* Vol 8(4), pp 607-650. 2001
- MACHADO, I. J. R. Implicações da imigração estimulada por redes ilegais de aliciamento - o caso dos brasileiros em Portugal. *Iba, Revista de Antropologia*. Vol. 7, nº 1 e 2, 2005.
- PEIXOTO, J. & FIGUEIREDO, A. “Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal”. In: MACHADO, I.J.R. (org.) **Um mar de identidades: imigração brasileira em Portugal**. Edufscar: São Carlos, 2006.
- PEIXOTO, J. et al. **O tráfico de imigrantes em Portugal: perspectivas sociológicas, jurídicas e políticas**. Acime: observatório da Imigração. Lisboa, 2005.
- SOARES, W. “Emigração e (I) mobilidade Residencial: momentos de ruptura na reprodução/continuidade da segregação social no espaço urbano”. In SALES & REIS (orgs). **Cenas de Um Brasil Migrante**. São Paulo, Boitempo Editorial, 1999.